

O CAMINHO DE CAIO PRADO JÚNIOR AO COMUNISMO

Luís Eduardo da Rocha Maia Fernandes

Resumo: O presente artigo versa por analisar a trajetória política e intelectual de um dos maiores nomes do marxismo brasileiro, Caio Prado Júnior. Nesse sentido, o maior evento histórico do século XX, a Revolução Russa, muito influenciou a opção política radical do autor em aderir ao comunismo como projeto de vida política e intelectual. Diferentemente de outras análises, propomos uma perspectiva integrada entre a eminente obra intelectual de Caio Prado Júnior e a sua militância no PCB.

Palavras-Chaves: Caio Prado Júnior, Revolução Russa, Marxismo.

THE PATH OF CAIO PRADO JUNIOR TO COMMUNISM

Abstract: This article analyzes the political and intellectual trajectory of one of the greatest names of Brazilian Marxism, Caio Prado Júnior. In this sense, the greatest historical event of the twentieth century, the Russian Revolution, greatly influenced the radical political option of the author to join communism as a project of political and intellectual life. Unlike other analyzes, we propose an integrated perspective between the eminent intellectual work of Caio Prado Júnior and his militancy in PCB.

Keywords: Caio Prado Júnior, Russian Revolution, Marxism.

1) Introdução:

Como explicar o fato de um filho de grandes cafeicultores paulistas virar um teórico, militante das ideias revolucionárias do comunismo? Prado Júnior, mesmo antes de aderir ao comunismo em 1931, se notabilizava como crítico da República das Oligarquias, tendo se decepcionado com as medidas de conciliação do movimento de 1930, que ele apoiara através do Partido Democrático (PD).¹

Florestan Fernandes aponta que a influência do movimento modernista no Brasil e as atividades estudantis² ajuda a entender, mas não explica, o essencial dessa questão. Para o sociólogo paulista, Caio Prado construiu uma ruptura moral interior, ou seja, um momento de crise de personalidade no qual o desabamento de estruturas mentais se conjuga com a busca de outros conteúdos, com uma reorganização completa de bases perceptivas e cognitivas. As tentativas frustrantes de uma revolução dentro de linhas radicais (a participação do PD e na revolução de 1930), para Florestan, precipitaram o processo psicológico e político em outra direção mais congruente, desvendada pelo Partido Comunista (FERNANDES, 1995).

Assim como Lukács,³ Caio Prado encontrou na Revolução Russa uma alternativa de poder mais avançada que ele tinha conhecido até então. Em um momento de grave crise do capitalismo, o rápido desenvolvimento industrial, urbano e social da URSS potencializa a via soviética de socialismo como a principal alternativa concreta ao capitalismo e ao “subdesenvolvimento”. Ambos passam por esse processo de ruptura moral. Caio Prado vivia na cidade mais aburguesada do Brasil: São Paulo. Conhecia, por isto, os hábitos elitistas, a política das Oligarquias, em contraste, com a modernização da economia brasileira e a grande desigualdade social.

O presente artigo reflete sobre essa transformação na vida de Caio Prado Júnior. A militância para o historiador, ao contrário dos operários e camponeses, não era uma atividade consciente e necessária para lutar por direitos e melhores condições de vida, mas sim um exercício consciente de sua rebelião moral em se converter no que, no

¹ Caio Prado participou do movimento de 30, inclusive foi membro de um comitê de apuração dos crimes cometidos pelo governo anterior.

² Caio Prado foi formado em direito e no secundário chegou a estudar na Inglaterra.

³ Pensador Húngaro de origem aristocrática. Segundo seus escritos, desde seus primeiros estudos manteve uma postura de nojo às relações capitalistas, permeado por influências do idealismo e do romantismo. Ver a introdução (1968) de *História e Consciência de Classe*.

jargão comunista, se chama de traidor de classe. Coerentemente ao seu modo de encarar a vida, Caio Prado colocou o que tinha de melhor a serviço da revolução: o seu conhecimento e disponibilidade intelectual.

Além disso, procuraremos apresentar para o autor, sinteticamente, um pouco da sua produção intelectual, sempre associada ao desafio militante de se compreender o Brasil e transforma-lo. Mas antes, achamos oportuno contextualizarmos o momento do PCB e do movimento comunista internacional, quando o intelectual paulista ingressa no partido.

2.O PARTIDO DE CAIO PRADO JÚNIOR: INSTABILIDADE POLÍTICA E ORGANIZATIVA.

O final dos anos de 1920 e início dos de 1930 foram anos marcados por forte luta interna no PCB, enfraquecimento político e repressão aos comunistas brasileiros. Sem dúvida, fora o período de maior intervenção direta da Internacional Comunista na linha política e organizativa do PCB. Há uma grande paralisia teórica no partido, dando lugar a expurgos e reconfiguração do núcleo dirigente partidário. Praticamente todo o núcleo formador e experimentado de militantes oriundos das experiências dos comunistas nos anos 20 foi afastado ou isolado no interior do partido.

Contudo, a constatação desta paralisia teórica dos comunistas brasileiros é normalmente explicada a partir da adoção acrítica das teses do VI Congresso da Internacional Comunista, marcadas pela visão "etapista" da estratégia revolucionária (MAZZEO, 1999). O "etapismo" seria a institucionalização de certa teoria da revolução, marcada por uma visão linear e mecânica da história. Nessa, o comunismo seria o estágio final de uma evolução natural e universal da história: modo de produção asiático ou antigo- feudalismo-capitalismo-socialismo-comunismo.

O VI Congresso da IC, ao consolidar a vitória de Stalin na luta no interior na URSS, inicia uma "limpeza" dentro da IC com o pretexto de se combater os desvios de direita (sendo a grande referência Bukarin) e os desvios de esquerda (sendo a grande referência Trotsky). Justamente, uma das características políticas do fenômeno stalinista é a subordinação da estratégia política e dos debates teóricos às necessidades táticas.

Contudo, ainda se carece de maiores pesquisas que busquem uma maior profundidade histórico-concreta deste processo. A generalização crítica sobre o "etapismo", muitas vezes, na verdade esconde uma teoria da revolução também genérica e a-histórica. Quando a importante concepção trotskiana de revolução mundial passa do nível crítico-abstrato para a análise concreta de situações, sobrevêm repetições e esquemas dogmáticos. Basta constarmos o isolamento político e social das organizações trotskistas ao longo da história, infelizmente não apenas fruto da perseguição das "burocracias estalinistas".

Em seu equivocado *Programa de Transição* (1938), Trotsky sustentava que as forças produtivas capitalistas pararam de crescer, e que em países privilegiados, como os EUA, Inglaterra e França, o luxo da democracia era permitido graças à acumulação nacional anterior. As premissas objetivas da revolução proletária não estavam apenas maduras, mas já começavam a apodrecer. Tudo dependeria do proletariado, em especial suas vanguardas (TROTSKY, 2004). A crise da humanidade se reduziria a uma crise da direção revolucionária.

Dentro da lógica taticista e reducionista, o VI Congresso da IC (1928) adota uma política mais restrita. Rompendo com o acúmulo anterior de indicativos de formação de frentes únicas para "ir até as massas", reconsiderando os debates específicos do nacionalismo revolucionário no Oriente e a perspectiva mundial da revolução, este congresso institucionaliza a teoria do socialismo em um só país, convertida em fundamento teórico da estratégia da internacional comunista. Isto significava, em resumo, subordinar a revolução mundial - em cada uma das suas fases e episódios- às exigências da construção do socialismo na URSS.

O fascismo era igualado à social democracia; o movimento comunista internacional se volta para dentro para se depurar contra os seus inimigos internos. Foi nesse contexto que, pioneiramente, a IC sistematiza maiores formulações e reflexões sobre a conjuntura latino-americana.

Em 1929, ocorreu a I Conferência Latino-Americana de Partidos Comunistas, anunciada por Humberto Droz - o então responsável pelos partidos comunistas do continente. A criação do secretariado sul-americano da IC, que, segundo o dirigente do PC argentino, Codovilla, passou a estudar as realidades de países como o Brasil, a Argentina, o Chile, a Bolívia, o Paraguai e o Peru.

Esta conferência apresenta importantes e pioneiras reflexões gerais sobre a formação econômica latino-americana. Além de identificar as disputas inter-imperialistas no seio do continente (em especial entre o *yankee* e britânico), também se enfatiza que o proletariado urbano e as massas camponesas seriam as camadas sociais fundamentais para a revolução democrático-burguesa na região.

A pequena burguesia era vista como um setor pouco confiável e as burguesias nacionais, como uma classe "parasitária" e atreladas ao imperialismo. Humberto Droz, inclusive, chega a afirmar sobre o caráter dependente das economias semicoloniais dos países latino-americanos (EL MOVIMIENTO REVOLUCIONARIO LATINO AMERICANO., 1929).

A política do Bloco Operário Camponês foi taxada de direitista pelos organismos da Internacional Comunista; a aproximação com segmentos da esquerda positivista militar era criticada. Em 1930, o próprio secretariado da IC aprovou uma resolução que afirmava:

No Partido (Comunista do Brasil) prega-se abertamente a 'teoria da revolução democrática pequeno-burguesa' (do camarada Brandão). Essa teoria, menchevista, antileninista e antimarxista, nega a hegemonia do proletariado na revolução democrática burguesa (...). Mas, muitíssimo mais perigoso é a prática do PC do Brasil em ceder seu papel independente ao BOC [Bloco Operário Camponês] (...). A linha política do BOC só poderá mudar radicalmente com a condição de que o PC do Brasil se torne o 'único' partido revolucionário, desolidarizando-se, por completo, de todos os partidos pequeno-burgueses (RESOLUÇÃO DA INTERNACIONAL COMUNISTA SOBRE A QUESTÃO BRASILEIRA., 1930)

Militantes do partido foram expulsos, dirigentes afastados o "prestismo" era considerado uma ideologia estranha e pequeno burguesa. O próprio Humberto Droz, por ser próximo a Bukarin, foi afastado de ser o responsável pelo secretariado sul-americano da IC. Pouco a pouco se consolida a estalinização do movimento comunista internacional, cujo traço foi a subordinação da teoria revolucionária ao *status quo* do Estado soviético, práticas reproduzidas nas macro e microestruturas, conforme Lukács apontou:

"Como no período staliniano a instância central devia ser infalível, deviam ser infalíveis também as aplicações das decisões efetuadas pelos "pequenos Stálin"; chegava-se, assim, a uma "perfectibilidade" de execução que devia

coroar o sistema. Outra característica daquele período, aliás, era que, embora se colocasse muito acima do efêmero e se afirmasse como "definitiva", cada "perfeição" não tardava a ser condenada como "desvio". Ainda aqui, há um pormenor humorístico que documenta o estado de espírito da inteligência russa nos anos trinta. Saía então, a cada ano, um volume da Enciclopédia Literária, sempre redigido no sentido da mais rigorosa "perfeição"; antes que o texto acabasse de rodar, contudo, quase todas as verdades dogmaticamente estabelecidas se haviam dogmaticamente transformado em erros. Todos passaram a se referir à publicação como a "Enciclopédia dos Desvios" (LUKÁCS, 2009).

A política de "classe contra classe" aprovada no VI Congresso da IC foi um desastre para os comunistas europeus. O próprio fortalecimento do nazi fascismo na Europa, pós 1929, tem como uma das causas o despreparo e isolamento dos comunistas europeus para este enfrentamento. A própria política externa soviética passa por transformações.

O empenho agora seria proteger ao máximo o país das incursões imperialistas e subordinar o movimento comunista a esta necessidade, pois o caráter agressivo da política externa japonesa e alemã ameaçava a URSS. Tanto assim, que o governo soviético restabeleceu relações diplomáticas com a Espanha e Estados Unidos, aceitou integrar-se à Liga das Nações e concluiu tratados de mútua assistência militar com a França e Tchecoslováquia. O nazi fascismo passou a ser uma ameaça eminente para o mundo.

O refluxo do movimento comunista na Europa Ocidental, a ascensão do nazi fascismo e o aumento das vozes destoantes e isoladas pelo stalinismo à política de "classe contra classe" contribuíram para uma virada na linha política geral da IC.

O VII Congresso da Internacional Comunista representou essa transformação (ainda assim, mantendo a estrutura política stalinista). Além de mudar a orientação política, o núcleo dirigente da IC se alterou com a incorporação de dirigentes com maior poder de formulação política, como o búlgaro Georgi Dimitrov e o italiano Palmiro Togliati.

O Fascismo passa a ter uma caracterização mais profunda nas teses da Internacional. Este seria uma ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro. O Fascismo não seria nem o

governo para além das classes, nem o governo da pequena burguesia ou do lumpen proletariado sobre o capital financeiro, e sim o governo do próprio capital financeiro, nas formulações de Dimitrov.

A solução tática imediata para se combater a ascensão nazifascista seria a formação de amplas frentes populares antifascistas, inclusive compondo com setores da burguesia liberal. Esta política, conforme aponta Hobsbawm, ajudou a formar um conjunto de intelectuais e uma cultura antifascista, tendo os comunistas na sua vanguarda (HOBSBAWM, 1987).

No entanto, no interior da Internacional, existiam diversas visões estratégicas para essa necessidade tática. Para alguns, as frentes possibilitariam o acúmulo para a construção de democracias e governos populares com a participação dos comunistas, para outros, como o ucraniano Dimitri Sacharovich Manuilski, a luta armada era uma tática viável para tomada de poder a partir das frentes antifascistas.

Apesar de o resultado exitoso (embora demasiadamente tarde) das frentes contra o nazi fascismo, a generalização desta política em países orientais e americanos que não vivenciaram a experiência interna do fenômeno do fascismo acarretou em um reboquismo grande dos comunistas em relação às burguesias nacionais.

No Brasil, a criação e fortalecimento da Ação Integralista Brasileira (AIB) com inspirações fascistas, em 1932, e os rumos do desenvolvimento social autocrático do capitalismo brasileiro, através da Revolução de 1930, potencializava a necessidade das lutas antifascistas no país. O PCB, neste caso, seguindo as diretrizes da Internacional, gira a sua política, até então marcada pelo isolamento e o obreísmo. Já em 1934, o Partido recebe a orientação sobre as frentes populares antifascistas:

Na reunião preparatória do VII Congresso da Internacional Comunista, ocorrida em outubro de 1934, decidiu-se que essa deveria ser a tática adotada pelos diversos partidos comunistas. Embora não tenha havido uma interferência direta do "dedo" de Moscou, em março de 1935, foi criada a Aliança Nacional Libertadora (ANL), um amplo movimento de massas congregando diversificados setores sociais. Entre os partidos políticos ali representados estavam o PCB, PSB (Partido Socialista Brasileiro) e o PDS (Partido Democrático Social), inúmeros sindicatos, associações e entidades diversas. Mas, sem dúvida, as duas principais forças no interior da ANL eram os Tenentes e os comunistas (PANDOLFI, 1995).

Antes da reunião preparatória para o VII Congresso, a IC já sob o comando de Dimitrov e Manulski, os dirigentes da Internacional pressionavam o PCB a aceitar a filiação de Luís Carlos Prestes, até então considerado inimigo de classe pela direção obreísta do Partido Comunista. Prestes, que estava na URSS desde 1931 trabalhando como engenheiro, ao ser finalmente aceito membro do PCB no segundo semestre de 1934, representou uma nova reestruturação na política e organização dos comunistas brasileiros. O obreísmo reinante na direção do partido se encontraria agora com tenentes da esquerda positivista militar, a liderança popular e o maior conhecimento do marxismo soviético credenciavam Prestes como a principal figura do Partido Comunista.

Em agosto-setembro de 1934, houve uma reunião em Moscou de representantes dos Partidos Comunistas Latino-americanos com o comitê central da IC. A delegação brasileira, chefiada pelo então Secretário Geral do PCB, Antônio Maciel Bonfim, conhecido como Miranda, apresentou dados e informes exagerados sobre o partido e a realidade brasileira. Número de militantes, controle exercido sobre sindicatos de São Paulo, Rio de Janeiro e Niterói, bem como a forte presença comunista nas forças armadas (COSTA H. , 2015).

Essa visão distorcida, no quadro da grande depressão mundial da década de 1930, apresentava a sociedade brasileira como estando madura para uma revolução comunista. Além disso, a entrada de antigos tenentes como Silo Meireles, Agildo Barata, Ivã Ramos Ribeiro, Francisco Antônio Leivas Otero, Dinarco Reis, Sócrates Gonçalves, Agliberto Vieira de Azevedo e Benedito de Carvalho aos quadros do PCB fortaleceram a leitura interna sobre a proximidade da eclosão de uma terceira explosão revolucionária, continuadora das rebeliões tenentistas de 1922 e 1924.

O prestígio e as massivas adesões à Aliança Nacional Libertadora, criada em 1935, fizeram o inexperiente núcleo dirigente do PCB, o qual ainda predominavam visões conspirativas de revolução dos militares, apostar em uma insurreição armada para tomar o poder com o respaldo da Internacional Comunista. O levante comunista de 1935, com exceção no Rio Grande do Norte, foi facilmente controlado pelas forças repressoras varguistas, e não contou com a participação das massas exploradas.

O resultado foi catastrófico para o PCB. Lideranças foram presas, torturadas, o partido foi desmantelado nacionalmente e ainda viu o regime varguista se fortalecer. Apenas no fim do Estado Novo, o partido conseguiu voltar a se articular nacionalmente. A historiografia de direita e esquerda ainda insistem em uma visão de que o levante e a linha do PCB foram construídos totalmente seguindo as diretrizes da Internacional Comunista.⁴

Tentando superar as falsas dicotomias e questões, tentamos demonstrar a contradição no fazer-se histórico das primeiras formulações e práticas políticas do PCB. Conforme discutimos, estas próprias formulações e práticas não foram simplesmente deliberadas, executadas e cumpridas pelos sujeitos envolvidos. A tarefa do historiador é ir além da tentação dos juízos de valor sobre os fatos aparentes e, desta forma, investigar as raízes e contradições de tais ações.

No caso, percebemos que o ecletismo foi uma tendência da cultura brasileira muito absorvida pelos primeiros comunistas, assim como as dificuldades estruturais em se conhecer as obras marxistas. Também enfatizamos a relação direta do PCB com a Internacional Comunista, reconhecendo esta, com todas as contradições, como a grande referência da linha política dos comunistas brasileiros.

Contudo, há um fator determinante para as mudanças, dificuldades e dilemas dos comunistas brasileiros nos seus primeiros anos. A instabilidade no núcleo dirigente do PCB representa um elemento interno que sintetiza as contradições da cultura brasileira, a inserção social do partido, e o movimento comunista internacional.

Em menos de 15 anos, o PCB oscilou e deu giros políticos extremos em sua política e seu núcleo dirigente. Esta instabilidade foi a marca do PCB em seus primeiros anos, muito em função das disputas e mudanças de orientação na IC.

Pouco a pouco, o Partido Comunista se transformava em uma força política das classes subalternas, algo tipicamente moderno. Isto é, nas bases do Partido se encontravam operários, camponeses, setores militares, intelectuais, etc. Contudo, temos que reconhecer que a própria fragilidade do núcleo dirigente também foi motivada pela

⁴ Em 1993, o jornalista William Waack produziu uma polêmica obra, *Os camaradas*, e, fundamentalmente em linha claramente anticomunista, apresenta esta concepção de subserviência dos envolvidos na Revolta de 1935 à Moscou. No campo oposto, no estudo de respeitáveis marxistas sobre a história do PCB como Antonio Carlos Mazzeo, o Levante de 1935 é visto como um episódio de dissociação do PCB e do Prestismo à linha política da IC (MAZZEO, 1999).

intervenção direta da IC no início dos anos 30, que buscou a readequação do PCB à estrutura stalinista.

3. AS PRIMEIRAS REFLEXÕES E O INGRESSO NO PCB

A inicial militância de Caio Prado, apesar de desconfianças e acusações de “trotskistas” por parte da direção obreísta do PCB, perpassou as ações da defesa e solidariedade com a URSS no Brasil. Prado Júnior participou de sessões do “Congresso Social” e da “Sociedade dos Amigos da União Soviética” na capital paulista, e, em 1933, viajou para o URSS.

É válido reforçamos a composição político-ideológica do Partido em que Caio entrava. Conforme já apontamos, o PCB no início da década de 30 sintetizou a combinação da codificação da doutrina marxista-leninista com a tradição cultural positivista, presente na esquerda militar que ingressava no Partido junto com Luís Carlos Prestes. Mais pela sua condição econômica e aptidão, Caio Prado, ao longo de sua vida, se formou, enquanto marxista, com bagagens culturais mais amplas, conhecendo a produção teórica de países como URSS, França e Inglaterra.

Justamente, na volta de sua viagem ao mundo socialista, em 1933, Caio Prado Júnior publica o ensaio *A evolução política do Brasil-Ensaio de Interpretação materialista*, obra classificada por Leandro Konder como uma “autêntica façanha, ao superar o obstáculo interno, constituído pelas graves insuficiências teóricas de seus predecessores brasileiros no campo da “interpretação materialista”, e ao escapar da pressão externa, decorrente da codificação oficial do “marxismo-leninismo” (KONDER, 1991).

Duas questões nos chamam atenção nesta obra, além dos traços de autenticidade para a produção marxista brasileira. A primeira é o aparecimento da famosa divergência sobre a existência de restos “feudais” na formação social brasileira. Caio, neste período, ao combater a tese majoritária entre a esquerda na época sobre os resquícios feudais no Brasil, se apropria da noção de feudalismo de autores soviéticos, isto é, o feudalismo como síntese específica do modo de produção escravista e germânico no continente europeu. A seguinte passagem nos fornece indícios para a nossa afirmação:

É de grande importância esta constatação. Ela nos leva à conclusão de que no Brasil-Colônia, a simples propriedade da terra, independente dos meios a

explorar, do capital que a fecunda, nada significa. Nisso se distingue a nossa formação da Europa Medieval saída da invasão dos bárbaros. Lá encontraram os conquistadores, descidos do norte, uma população relativamente densa e estável que já se dedicava à agricultura como único meio de subsistência. O predomínio econômico e político dos senhores feudais resultou, assim direta e unicamente da apropriação do solo, o que automaticamente gerava em relação a eles os laços de dependência dos primitivos ocupantes. Aqui, não. A organização político-econômica brasileira não resultou da superposição de uma classe sobre uma estrutura já constituída, superposição esta resultante da apropriação e monopolização do solo. Falto-nos este caráter econômico fundamental do feudalismo europeu (PRADO JÚNIOR, 2008).

A segunda questão é a centralidade da luta de classes como chave para se compreender a história do Brasil. O historiador, nesse livro, a partir das revoltas populares ocorridas durante o Império, evidencia a tendência conciliatória e reacionária das classes dominantes. A evolução política no Brasil se renovaria, mas conservando antigas estruturas. Veremos que esse enfoque central do autor muda, principalmente, quando o mesmo obtém contatos mais duradouros com a historiografia econômica francesa.

Para Carlos Nelson Coutinho, as conclusões de Caio Prado Júnior nesse livro são bem parecidas com as de Antonio Gramsci no que tange às analogias entre o processo de unificação italiana e os eventos que constituem o processo de independência e da consolidação do Estado Imperial no Brasil. Tanto para Caio Prado como para Gramsci, os processos em questão, embora conduzidos "pelo alto", levaram a mudanças efetivas: a superestrutura política se adequou ao estado das forças produtivas e da base econômica (COUTINHO, 2011).

Em 1934, Caio Prado publica o seu relato de viagem - *URSS: um Mundo Novo* - e, nesse mesmo ano, concluiu a tradução do livro de Bukhárin, *Tratado de Materialismo Histórico*, fato de grande relevância, visto a notoriedade de Bukhárin como teórico na URSS - apesar de, anos mais tarde (1938), ter sido preso e assassinado pelo stalinismo. Além disso, Caio Prado procurou ser um aglutinador entre os intelectuais progressistas. Fundou, por exemplo, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

Com a mudança na linha política internacional e nacional dos comunistas, o intelectual comunista pôde ter um pouco mais de espaço interno no PCB e na ANL (Aliança Nacional Libertadora) de 1935. Prova disto é o fato de Caio Prado Júnior ter

sido eleito vice-presidente da ANL em São Paulo. A partir do levante comunista de 1935 e o governo popular de três dias na cidade de Natal, logo sufocado pelas tropas de Vargas, desenvolveu-se uma gigantesca repressão à ANL e aos comunistas por todo o país.

Nessa onda repressiva, ocorreu no Rio Grande do Sul a prisão de Caio Prado Júnior, que depois foi trazido para São Paulo, onde permaneceu preso até 1937. Quando solto, ainda no ano de 1937, viajou para o exílio na França, quando desenvolveu intensa atividade intelectual e política. Fez cursos na Sorbonne, reencontrou Fernand Braudel⁵ e, até 1939, militou ativamente no Partido Comunista Francês.⁶

Como podemos observar, este primeiro momento político e intelectual de Caio Prado conta com uma intensiva participação política e teórica nos grandes acontecimentos brasileiros. Apesar de as iniciais divergências e tensões com o alto grau de dogmatismo que permeava as formulações do PCB, o historiador paulista esteve sempre inserido no quadro partidário.

Contudo, a dura repressão que abateu o Partido Comunista no Estado Novo levou a um estágio de desorganização e desarticulação entre os comunistas brasileiros, muitos no exílio ou na cadeia. É durante o processo de reorganização do Partido, nos anos 40, que a relação entre Caio Prado e o PCB entra em um estágio maior de tensão e divergência, o que se intensificou na crítica ao programa do PCB, em 1966. Diante disso, vemos-nos na obrigação de debater brevemente nos próximos tópicos a reorganização do PCB e a posição de Caio Prado Júnior.

4. A REORGANIZAÇÃO DO PCB E A POSIÇÃO DE CAIO PRADO JR.

⁵ O famoso historiador dos *Anales* teve contato com Caio Prado, durante a passagem de Fernand Braudel pela Universidade de São Paulo, entre 1935 e 1937 e, novamente, em 1947, esta passagem marcou toda uma geração de historiadores iniciantes, formados na subseção de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Nomes como nomes de Alice Pieffer Canabrava, Astrogildo Rodrigues de Mello, Eduardo D'Oliveira França, Eurípedes Simões de Paula, Odilon Nogueira de Matos também tiveram contato direto com o grande historiador francês.

⁶ Ver: O trabalho de Sérgio de Sousa Montalvão sobre a militância de Caio Prado entre os anos de 1930 e 1940 (MONTALVÃO, 2004). O Historiador paulista Luiz Carlos Péricas lançará, através da editora Boitempo, a primeira sistematização acadêmica de uma biografia política de Caio Prado Júnior. O lançamento está previsto para o primeiro semestre de 2016.

A atividade dos comunistas brasileiros viveu um período de grande refluxo durante o Estado Novo. A esmagadora repressão Estatal, que aniquilou centenas de comunistas e outros militantes de esquerda, conseguiu “feitos” de dar inveja à ditadura empresarial-militar, anos mais tarde. O próprio governo brasileiro, na época, fazia questão de se orgulhar de ter liquidado o comunismo no Brasil. Exageros à parte, o Estado Novo conseguiu enfraquecer e marginalizar os comunistas do cenário político brasileiro (VIANNA & SARMIENTO, 2014).

O PCB, durante os anos 30, viveu um período de massificação e projeção política através da ampla política da ANL. No entanto, no começo dos anos 40, o partido se resumia à ação isolada de grupos locais, com inúmeros dirigentes presos ou assassinados.

Na conjuntura internacional, a Segunda Guerra Mundial se acirrava. A resistência soviética à invasão nazista (1941), que culminou na histórica e sangrenta Batalha de Stalingrado, marcou a primeira grande derrota nazista na guerra. No Brasil, com grande participação dos comunistas, se intensificavam massivas manifestações da opinião pública para a entrada do país na guerra ao lado dos países antinazi-fascistas. Essas mobilizações pressionaram para que o Brasil, em 1942, declarasse guerra aos países do eixo e enviasse para a Europa mais de 25 mil soldados.

As mobilizações dos comunistas para a entrada do Brasil na guerra foi uma ação que possibilitou a rearticulação prática dos mesmos pelo país. Em fins de 1941, grupos isolados no Rio de Janeiro, São Paulo e, principalmente, Bahia, empreenderam iniciativas no sentido de reorganizar do partido. Foi formada então a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP). Na prisão desde o início de 1936, Prestes mantinha seu prestígio como líder máximo do partido.

Caio Prado regressa do exílio em 1939 e participa intensamente da reorganização do PCB na capital paulista. Faz parte da articulação dos comitês de ação em São Paulo com outros intelectuais históricos do PCB, como: Astrojildo Pereira, Heitor Ferreira Lima, Mário Schenberg, dentre outros. Este grupo defendia a unidade em torno da luta antifascista e internacional e nacionalmente eram contrários à linha debatida e defendida pela CNOP, que pregava o apoio do PCB à continuidade de Vargas.

Esses embates da reorganização do Partido Comunista compunham o grande debate partidário, que Caio Prado melhor protagonizou. Segundo a tese defendida pelo grupo liderado por Prado Júnior, a luta pela democratização da sociedade brasileira estava conectada com a luta antifascista e, no Brasil, isso representaria o combate ao governo autoritário de Getúlio Vargas (IUMATTI, 2007).

Com o respaldo dos comitês de ação, o historiador paulista apostou na aliança entre comunistas e liberais e, inclusive, foi um dos idealizadores de uma possível frente de atuação conjunta: a União Democrática Nacional (UDN), instrumento que, mais tarde, foi apoderado como legenda das forças reacionárias do país.

Caio Prado também foi um dos principais articuladores da fundação da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), a qual, a despeito do total apoio à entrada do Brasil na guerra ao lado das forças antinazi-fascistas, declarou oposição ao governo Vargas, revelando a linha defendida pelos comitês de ação.

Outra posição existente era a de união nacional e apoio irrestrito ao governo Vargas, mas sem reorganizar clandestinamente o Partido Comunista. A reorganização do PCB na conjuntura de guerra, segundo Fernando Lacerda, principal ideólogo de tal tese, poderia ser um fator de divisão da unidade nacional na luta contra o nazismo. Lacerda se munia do fechamento da Internacional Comunista para sustentar sua posição.

Tais posições de radicalização dos indicativos da política de coexistência pacífica da URSS com as potências capitalistas ocidentais, algo já presente no período de guerra, ganharam força entre diversas organizações comunistas pelo mundo. Maior expressão desta política foi o famoso líder comunista norte-americano Earl Browder, que participou e sustentou a dissolução do Partido Comunista nos EUA com mais de 100.000 mil membros filiados.

Em agosto de 1943, foi realizada a II Conferência Nacional do PCB. Mais conhecida como Conferência da Mantigueira, a conferência tinha como objetivo a rearticulação política nacional dos comunistas brasileiros. O apoio de Prestes às posições da CNOP é decisivo: o PCB se reorganiza em torno da figura do cavaleiro da esperança com uma política tática de União Nacional em luta contra o nazi-fascismo (REIS, 2011). As posições de Lacerda são caracterizadas como tentativas de liquidação

do partido, mas Caio Prado Júnior e os comitês de ação, apesar da insatisfação, se centralizaram com a decisão tomada na conferência.

Com o advento do fim do Estado Novo e a vitória das forças democráticas e socialistas na Segunda Guerra Mundial, o Brasil entrou numa fase de intensificação das liberdades políticas e o PCB conquistou a sua legalidade. Nesse período, o partido, amparado pelas resoluções de sua recente conferência política, defendeu a chamada "União Nacional" em torno da elaboração de uma nova constituição democrática. Naquela conjuntura, os comunistas apoiaram a abertura promovida pelo Varguismo e se posicionavam contra os intentos da oposição liberal.⁷

Pouco depois, o PCB apresentou candidatos nas diversas eleições em todo o país. Caio Prado Júnior foi candidato a deputado em 1945 e em 1947,⁸ tornando-se deputado estadual neste último ano. No entanto, Caio Prado logo vai perder o mandato, em virtude da cassação do registro do partido, bem como da cassação dos mandatos do PCB em todo o país.

Apesar de discordâncias contínuas e estruturais com o partido, em uma curiosa carta, Prado Jr. explica as suas razões para aceitar a candidatura a deputado federal pelo PCB, e sinaliza a disposição para realizar a luta interna nesta organização:

Não pude recusar, porque considero a atual direção como o próprio partido, contingentes. É [ao fim] que almejo. Por enquanto, a única força renovadora que vejo no Brasil, ainda é o partido comunista. E com todos os seus defeitos, e erros, tem uma parte sã que espero vencerá e o dominará um dia. E numa posição de destaque dentro do partido, poderei lutar por isso mais eficientemente do que à margem (IUMATTI, 1998.)

⁷ Apesar de ter se confundido com o movimento "Queremista em defesa de Getúlio, organizado essencialmente pelo PTB, o PCB em seus documentos nunca defendeu tal bandeira. Embora tenha se posicionado favoravelmente à continuidade das mudanças políticas promovidas pelo governo. Para maior detalhamento, consultar o artigo de Anita Leocádia Prestes (PRESTES, 2006).

⁸ Caio Prado Jr. foi candidato nas eleições de 1945, quando obteve 9.304 votos para deputado federal constituinte, todavia não conseguiu se eleger e ficou na terceira suplência pelo Estado de São Paulo. Mas, em 1947 ele foi candidato a deputado estadual e logrou eleger-se com uma votação de 5.257, formando a bancada comunista na Assembléia Legislativa de São Paulo que era composta por onze deputados oriundos dos setores operários e médios da sociedade (IUMATTI, 2007).

Curiosamente, também nos anos 40, Caio Prado Júnior publica a sua obra mais famosa no campo da história, *A formação do Brasil Contemporâneo*, de 1942. Apesar de uma insistência da crítica atual em situar o livro como um mero clássico de história colonial, *A Formação do Brasil Contemporâneo*, inicialmente projetado em seis volumes, buscava pesquisar e debater a complexa construção histórica da formação social brasileira, isto é, o desenvolvimento próprio e “não clássico” do capitalismo como modo de produção predominante no país.

Em sua principal obra histórica, considerada pelo renomado historiador francês Fernand Braudel a melhor história econômica já feita sobre o Brasil (BRAUDEL, 1948), a categoria fundamental na compreensão da história é a totalidade sistêmica. Caio Prado pensa a estrutura colonial inserida e relacionada à lógica do capital mercantil.

Nesse sentido, o intelectual paulista cria conceitos fundamentais para se compreender a especificidade da formação social brasileira. A principal estrutura da colônia, para Caio Prado Júnior, seria o latifúndio de tipo colonial, ou seja, a grande propriedade voltada para produzir valores de troca para o mercado externo, fundada nas relações escravistas de trabalho.

Estes dois elementos se relacionam e se intensificam em vistas de uma maior expressão destas contradições: Caio Prado estava pensando e propondo uma ação prática para a revolução brasileira que, em muitos pontos, destoava da linha de seu partido. Ao fazermos esta afirmação, somos obrigados a apresentar brevemente a concepção caio pradiana de desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

5. A "VIA BRASILEIRA" DE DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA EM CAIO PRADO JÚNIOR

Segundo Carlos Nelson Coutinho (COUTINHO, 2011), uma das principais contribuições de Caio Prado Júnior para a história do marxismo foi, sem dúvida, pensar o desenvolvimento do capitalismo, no Brasil, como "não clássico".

A chamada "via clássica" de desenvolvimento implica uma radical transformação da estrutura agrária: a antiga propriedade pré-capitalista é destruída, convertendo-se em pequena exploração camponesa. Nesse caso, não só desaparecem as relações de trabalho pré-capitalistas, fundadas na coerção extra econômica sobre o trabalho, mas também é erradicada a velha classe rural dominante, já que são eliminadas as relações econômicas em que ela se apoiava. Esse caminho é fruto das típicas revoluções burguesas de massa que ocorreram na Inglaterra, França e EUA.

Pela primeira vez na história, conforme Marx enfatiza desde o seu manuscrito *A ideologia Alemã*, poderíamos falar de uma história global e articulada, na qual os povos se relacionam, se subordinam e dependem uns dos outros, a partir da efetivação do mercado mundial comum e da divisão internacional do trabalho.

Contudo, de acordo com o que já mencionamos no primeiro capítulo desse trabalho, o desenvolvimento do capitalismo, segundo Marx, não é unilinear. Nem todas as sociedades passaram necessariamente por uma revolução burguesa. Em famosa passagem na sua crítica ao programa de Gotha, Karl Marx trata mais claramente dessa questão. Ao considerar que a sociedade alemã no século XIX "é a sociedade capitalista que existe em todos os países civilizados, mais ou menos expurga de elementos medievais, mais ou menos modificada pela evolução histórica particular de cada país, mais ou menos desenvolvida." (MARX K. , 2012.).

Ou seja, para Marx, as sociedades podem se apresentar, mais ou menos desenvolvidas do ponto de vista capitalista, mais ou menos expurgada de elementos pré-capitalistas, mais ou menos modificadas pelos processos históricos particulares de cada país. Tais variações não desmentem a predominância de relações capitalistas de produção, contudo, com históricos diferentes para se realizar essa predominância. Portanto, não existe uma única via histórica de desenvolvimento do capitalismo.

Com o intuito de compreender a via russa de capitalismo, Lênin estudou as diferentes vias de revolução burguesa e suas incidências no espaço rural. Basicamente, o revolucionário russo constatou dois tipos de desenvolvimento: 1) A transformação de relações feudais a partir de uma "metamorfose" gradual, que substitui os métodos de produção tradicionais pelas formas burguesas modernas; 2) a transformação que se processa pela via da revolução burguesa, que dissolve as relações feudais. No primeiro caso, Lenin está destacando o processo histórico alemão e a aliança entre a burguesia e a

nobreza *junker* que dele constituem-se agentes - a via prussiana. No segundo caso, a ênfase é o caso norte americano-estadunidense, em que o fazendeiro se transforma pela fragmentação radical dos grandes latifundiários em granjeiro capitalista - a via americana (LENIN, 1980).

Muitos autores brasileiros⁹ a partir dos anos 70, a começar pelo então lukacsiano Carlos Nelson Coutinho, utilizaram o conceito de "via prussiana" para compreender o desenvolvimento histórico no Brasil. Para Coutinho, no caso brasileiro, bem como na generalidade dos países coloniais ou dependentes, a evolução do capitalismo não foi antecipada por uma época de ilusões humanistas e de tentativas-mesmo utópicas - de realizar na prática o "cidadão" e a comunidade democrática.

Os movimentos neste sentido, ocorridos no século XIX e XX, foram sempre agitações superficiais, sem nenhum caráter verdadeiramente nacional e popular. Aqui, a burguesia se ligou às antigas classes dominantes, operou no interior da economia retrógrada e fragmentada. Quando as transformações políticas se tornavam necessárias, elas eram feitas "pelo alto", através de conciliações e concessões mútuas, sem que o povo participasse das decisões e impusesse organicamente a sua vontade coletiva. Em suma, o capitalismo brasileiro, ao invés de promover uma transformação social revolucionária - o que implicaria, pelo menos momentaneamente, a criação de um "grande mundo" democrático - contribuiu, em muitos casos, para acentuar o isolamento e a solidão à restrição dos homens ao pequeno mundo de uma mesquinha vida privada (COUTINHO,1967).

O filósofo J. Chasin, através do seu importante trabalho sobre o pensamento de Plínio Salgado, afirmou que a via prussiana não deve ser encarada enquanto um mero modelo para o caso brasileiro, mas sim, um modo particular de se constituir e ser capitalismo (CHASIN, 1978). Nesse sentido, Chasin desenvolve a tese de que a via colonial de desenvolvimento capitalista no Brasil desencadeou a formação de um capitalismo hiper tardio.

Caio Prado Júnior foi uma das principais referências historiográficas para se pensar as particularidades do capitalismo brasileiro. Para o historiador paulista, o capitalismo se desenvolveu no Brasil conservando os traços da grande propriedade colonial escravista. Além de reconhecer o processo de modernização conservadora, o

⁹ Obrigatório também registrar o estudo de Luiz Werneck Vianna. Ver: (VIANNA, 1976).

intelectual paulista identificou que o que se "conserva" das velhas estruturas não seriam "restos feudais", mas sim formas de coerção extra econômica ao trabalhador rural e, principalmente, a continuidade da dependência colonial.

Apesar de denominar as estruturas agrárias do Brasil contemporâneo como capitalistas, para Caio Prado, o capitalismo brasileiro não romperá com as estruturas coloniais, fruto de uma modernização conservadora. Tal compreensão sobre a situação específica do capitalismo brasileiro embasou as propostas políticas de Caio Prado: pensar a transição da dependência colonial brasileira para a construção de uma economia nacional popular.

Conforme afirmou Carlos Nelson Coutinho, embora o paradigma caiopradiano se diferencie das teses da Internacional Comunista, Caio Prado se aproxima em muitos pontos do "estagnacionismo" contido em tal modelo. O desenvolvimento brasileiro, sua passagem definitiva para a modernidade, estaria bloqueado pelo "atraso", seja nas relações agrárias, seja no setor industrial, um "atraso" proveniente, como veremos no pensamento político de Caio Prado Júnior, da limitação estrutural do mercado interno e da dependência ao imperialismo (COUTINHO, 2011).

Não por acaso, depois dos estudos de História Econômica, Caio Prado se debruçou sobre a questão agrária e a relação do Brasil com o capital imperialista. Sem dúvida, tratou-se do seu compromisso político revolucionário que pautou sua produção intelectual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Neste breve artigo, procuramos contar um pouco a história de Caio Prado Júnior. Retomamos sua origem social, produção intelectual, militância política, sua visão de Brasil e seu marxismo. Constatamos que sua obra historiográfica - e em outras áreas das ciências sociais e econômicas - é indissociável da sua militância política. Tratou-se, utilizando o aparato gramsciano, de um intelectual orgânico da classe trabalhadora.

Essa organicidade, conforme demonstramos, se realizou a partir das relações concretas de Caio Prado com as classes subalternas. Essa é a principal característica de

sua produção intelectual. Mais do que um compromisso reflexivo e crítico, Caio Prado atrelou sua capacidade teórica à resolução dos principais problemas sentidos pelas classes populares.

A grande revolução proletária do século XX, a Revolução Russa, seus efeitos políticos, ideológicos e culturais foram determinantes para influir em uma série de intelectuais críticos, não proletários e anticapitalistas pelo mundo. Essa influência foi fundamental para a adesão de Caio Prado Júnior ao comunismo. Comunismo não apenas compreendido como uma perspectiva ideológica, política e partidária, mas um “ethos” de compreensão e vivência no mundo.

Por isso, resgatamos as primeiras décadas de militância comunista de Caio Prado, sua grande referência à Revolução Russa e ao socialismo soviético¹⁰, seu afastamento do núcleo diretivo do partido e a sua relação de tensão com as diretrizes gerais do Partido Comunista. Também destacamos algumas características importantes da visão de história caiopradiana. O intelectual paulista, muito provavelmente pela influência que recebeu do estruturalismo francês e, numa primeira fase, do marxismo soviético, foi um historiador das "grandes estruturas".

Inicialmente, em sua trajetória, Caio Prado enfatizou como elemento central de análise a luta de classes, como fez em seu livro de 1933 *A Evolução Política no Brasil*. Principalmente depois do seu exílio na França, o autor parece aplicar em suas análises a totalidade das grandes estruturas econômicas como categoria central. Em *Formação do Brasil Contemporâneo*, o famoso capítulo *O Sentido da Colonização* é expressão dessa segunda fase que culminou no desenvolvimento de uma criativa "via não clássica" para o desenvolvimento capitalista no Brasil.

¹⁰ Luiz Bernardo Pericás, em sua brilhante biografia sobre Caio Prado Júnior, nos mostra que a admiração e apoio de Caio Prado Júnior ao socialismo soviético também passou momentos de tensão em crítica, em especial durante os anos de 1950 e 1960.

Neste sentido, acreditamos que ao tentar desvendar o processo ontológico na produção de ideias de Prado Júnior avançamos numa compreensão mais completa e atual das suas grandes contribuições para o marxismo e pensamento social brasileiro, assim como seus possíveis limites e equívocos.

BIBLIOGRAFIA:

BRAUDEL, Fernand. **Au Brésil: deux livres de Caio Prado.** *Annales.Économies,Sociétés,Civilisations.* (1948): 99-103..

CLASSE OPERÁRIA. **Resolução da Internacional Comunista sobre a questão brasileira**, 17 abril de 1930.

PRIMERA CONFERENCIA COMUNISTA LATINO AMERICANA, 1929, Buenos Aires. **El Movimiento Revolucionario Latino Americano.** Buenos Aires: La Correspondencia Sudamericana, 1929.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado.** São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CLAUDÍN, Fernando. **A Crise do Movimento Comunista.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

COSTA, Homero. **A insurreição comunista de 1935.** Natal: EDUFRN, 2015.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasi:** ensaio sobre ideias e formas. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

FERNANDES, Florestan. **Caio Prado Jr: A Rebelião Moral.** In: Fernandes, Florestan. **A Contestação Necessária.** São Paulo: Ática, 1995.

HOBSBAWM, **Os intelectuais e o antifascismo.** In: HOBSBAWM, Eric et al. **História do Marxismo IX - O Marxismo na Época da Terceira Internacional:** Problemas da Cultura e da Ideologia. São Paulo: Paz e Terra, p. 257-314, 1987.

IUMATTI, Paulo Teixeira. **Caio Prado Jr: uma trajetória intelectual.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **Diários Políticos de Caio Prado Júnior.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

KONDER, Leandro. **A Derrota da Dialética.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LUKÁCS, **Socialismo e democratização:** escritos políticos 1956 – 1971. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MAZZEO, Antonio Carlos. **Sinfonia Inacabada-a política dos comunistas no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. **Estado e Burguesia no Brasil: Origens da Autocracia Burguesa.** São Paulo: Boitempo, 2015.

PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e companheiros: História e Memória do PCB.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Caio Prado Júnior: uma biografia política.**São Paulo: Boitempo,2016.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A Evolução Política no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____.**URSS: Um novo mundo-coleção viagens.** São Paulo: Companhia Nacional, 1934.

RECÚPERO, Bernardo. **Caio Prado Jr. e a Nacionalização do Marxismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2000.

